

A NOSSA CARAVANA "FOI, VIU E VENCEU", EM LAJES. DA POLICROMIA DE IMPRESSÕES QUE NOS RESTOU, DAS AGRADÁVEIS LEMBRANÇAS A EVOCAR. DESTACAMOS AQUI ALGUNS FUGIDIOS ASPECTOS PARA O NOSSO CADERNO DE ESTUDANTES. LAJES NOS ABRIU OS BRAÇOS DUMA TÃO FRANCA, TÃO SINCERA E TÃO AMIGA HOSPITALIDADE QUE NADA EM TROCA PODERIAMOS RESTAR-LHE, A NÃO SER OS NOSSOS PROTESTOS DUMA GRANDE, DE UMA IMENSA GRATIDÃO.



# Folha Acadêmica

Orgão Oficial do Centro Acadêmico XI de Fevereiro  
FACULDADE DE DIREITO DE SANTA CATARINA

ANO II

FLORIANÓPOLIS, 28 DE DEZEMBRO DE 1945

N. 15

DIRETOR  
LYDIO MARTINHO CALLADO  
REDATORES  
Hamilton Valente Ferreira  
Hamilton Hildebrand  
José Tito Silva  
REDAÇÃO  
RUA ESTEVES JUNIOR, 11

Este jornal — aceitando toda colaboração de acadêmicos de direito, sem distinção qualquer, uma vez vasada em linguagem comedida — não se responsabiliza, todavia, pelos conceitos emitidos sob assinatura, nem os espesa com publicá-los. Dos artigos possuirá a redação o original devidamente autenticado.

## O nosso Patrono

Desatendendo a modulações políticas de qualquer gênero, repudiando a mais tênue idéia de adulação interesseira, foi que o Centro Acadêmico desta Faculdade elegeu para patrono da sua primeira embaixada acadêmica o vulto por todos os motivos ilustre e venerável do Cel. Vidal José de Oliveira Ramos.

Nascido a 24 de outubro de 1866 na cidade florescente de Lajes, Vidal Ramos cresceu no contacto com a natureza do planalto. Na fazenda de seus pais teve uma infância simples e serena, haurindo — a par dos primeiros estudos que então lhe ministravam — uma concepção honesta e compreensiva da vida, no convívio de humildes peões e homens do campo.

Ingressando mais tarde no colégio de São Leopoldo, o patrimônio que consigo levava, facultou-lhe um curso brilhante, até o término.

Averso às dissipações da juventude, preferiu o matrimônio, contraindo, em 1885, nupcias com a exma. sra. dña. Tereza Fiuza Ramos.

Sua vida política começou em 1889 com a deputação provincial. Como deputado a Constituinte, foi reeleito por várias legislaturas. Superintendeu Lajes em dois quadriênios (1895 — 1902).

A honestidade das suas ações e a proficiência do seu trabalho indesejado, aliados a uma inteligência robusta e sandável, fizeram com que o povo catarinense fosse busca-lo na serra para eleger-lo vice-governador em 1902.

Nesse alto e relevante posto permaneceu até 1906, quando o trocou por uma cadeira de deputado federal.

Sua atividade aqui também se demonstrou indiscutível e a sua figura marcante no cenário nacional, tanto que foi reeleito em 1909.

A convenção do partido Republicano, porém, precisava dos seus serviços e escolheu-o para candidato ao governo do estado, em substituição ao sr. Cel. Gustavo Richard, em 1910.

Governou exemplarmente dessa data até 1914.

Essas breves notas não poderiam, é claro, consubstanciar os atos da administração de Vidal Ramos sem que a omissão prejudicasse a visão do conjunto.

Todavia, rápidos instantâneos da sua atividade lembrarão aqui alguma parte da sua obra.

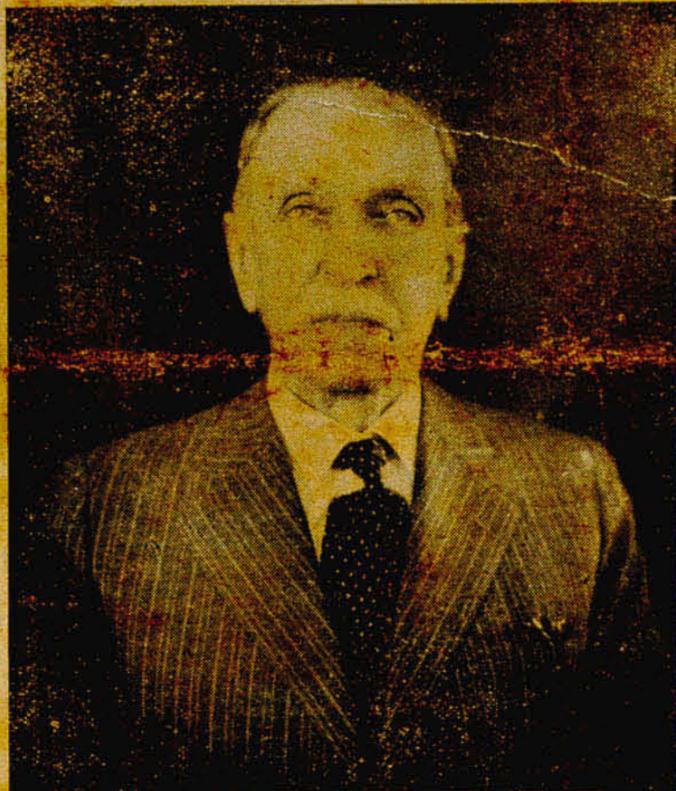
Em fins de setembro de 1911, espraçou-se pelo vale do rio Itajaí a caudal da maior enchente da história catarinense.

Destruindo indústrias em formação, submergindo casas de moradia, campos de cultura de trigo, arroz e cana, trazendo consigo um interminável cortejo de miséria, fome e dor, as águas desbordantes do rio Itajaí ameaçavam então o futuro financeiro do estado.

desabara sobre o mais fértil vale do estado.

Deveríamos citar também o trabalho desse hábil dirigente, no combate ao fanatismo que brotara com os fiéis do monge José Maria. Às margens do Taquarussú, afluentes do Marombas, nos municípios de Curitiba e Campos Novos, verdadeira horda de superstição se propagara.

José Maria já havia sido morto



Viajando de carreta e de canoa até o coração das regiões assoladas, Vidal Ramos não perdeu um momento em organizar a defesa. Organizando comissões regionais de socorro, subordinadas à Comissão Central nesta capital, pediu ao governo federal o auxílio de mil contos que o senado prontamente concedeu.

Aplicando com eficiência esse dinheiro, conseguiu debelar a crise e prevenir a ruína econômica que

em combate em Irani. Julgavam entretanto que esse agitador era imortal. Com brandura, procurou Vidal Ramos fazer voltar a paz àquelas terras. Sómente após haver esgotado todos os meios, foi que usou de energia solicitando uma força do exército e dispersando finalmente, em 1914, os fanáticos do Contestado.

Aliás, já desde 1911 vinha Vidal Ramos pedindo ao Congresso Representativo do Estado, a criação duma polícia estadual de carreira,

à feição da polícia paulista que havia tomado essa estruturação há então sete anos (1904). Tanto pleiteou que obteve por fim autorização renovando e tornando mais eficiente a nossa Polícia Militar...

Na Agricultura, procurou Vidal Ramos se adiantar aos conceitos da época, bem como na Pecuária, criando o posto zootécnico de Lajes que possibilitou, ulteriormente a criação de outros mais no estado.

Em apazível xacara à rua Esteves Junior, fundou o Ginásio Catarinense, no ano de 1905, abrindo assim, aos estudantes catarinenses cujo orçamento paterno não lhes permitia estudo fora daqui, o caminho para a advocacia, para a medicina, para a engenharia, para as tão sonhadas profissões liberais.

Com carinho fomentou e desenvolveu o ensino primário dando azo a que o cognominassem de "pioneiro do ensino primário em Santa Catarina".

Antecedendo a todas as demais unidades da federação, instituiu a obrigatoriedade do ensino primário.

Após haver criado inúmeros grupos escolares, obrigou a frequência naqueles institutos a todos os menores entre 7 e 14 anos que residissem num círculo de 2 quilômetros tendo por centro o Grupo Escolar.

Como no seu próprio dizer "sem fiscalização não há ensino", criou o quadro de inspetores de ensino, trazendo para seu estruturador o grande professor a cuja memória rendemos hoje homenagem: Orestes Guimarães.

O professor Orestes Guimarães, que Vidal Ramos trouxera de São Paulo, obrigou os professores primários a submeter-se a exames de capacidade, selecionando dessa maneira o nosso corpo docente.

Hoje, vive o sr. Coronel Vidal Ramos, fóra da política, numa existência de patriarca venerando e estimado pelos seus conterrâneos.

Ao convidá-lo para nosso patrono, porém, quizemos provar-lhe que si a nossa geração muito lhe deve, também não o esqueceu.

Desejamos unicamente, por esse meio, reafirmar-lhe o nosso reconhecimento, o nosso respeito e a nossa afeição.

Agradecendo de público a bondade com que aceitou nosso convite, pedimos a Deus pela sua saúde e pela sua felicidade.

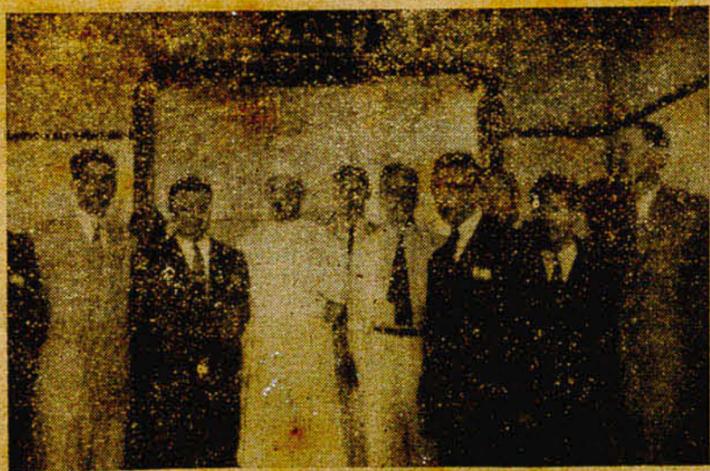
LYDIO MARTINHO CALLADO.



Zára de Andrade Ataíde, foi a rainha da Caravana Vidal Ramos, em Lajes. Filha de distinta família ali radicada há largos anos, a sua eleição foi realizada num dos mais antigos clubes de Santa Catarina, que atualmente mantém na presidência a figura simpática e cativante de João Graciano do Filho. Nessa notada aristocrática, a Srta. Zára foi eleita rainha, tendo sido coroada na soirée seguinte, que foi levada a efeito no clube presidido pelo sr. Cap. Sebastião Valeriano de Moraes.

## Respostas

- 1º) — c
- 2º) — a
- 3º) — b
- 4º) — c
- 5º) — b
- 6º) — a mesma força
- 7º) — b
- 8º) — c
- 9º) — b
- 10) — b
- 11) — Argentina
- 12) — Europa
- 13) — Verniz de laca oriundo do Japão
- 14) — Os gêmeos CASTOR e POLUX, na mitologia greco-romana, nascidos do ovo, deram o nome à constelação dos GEMEOS e o signo correspondente no zodíaco.
- 15) — b



Grupo tomado numa das salas da Maternidade Teresa Ramos, vendo-se o Dr. Vitor Gutierrez, diretor, ladeado pelos acadêmicos, e Dr. Ferreira Bastos

### AR LIVRE E SAÚDE

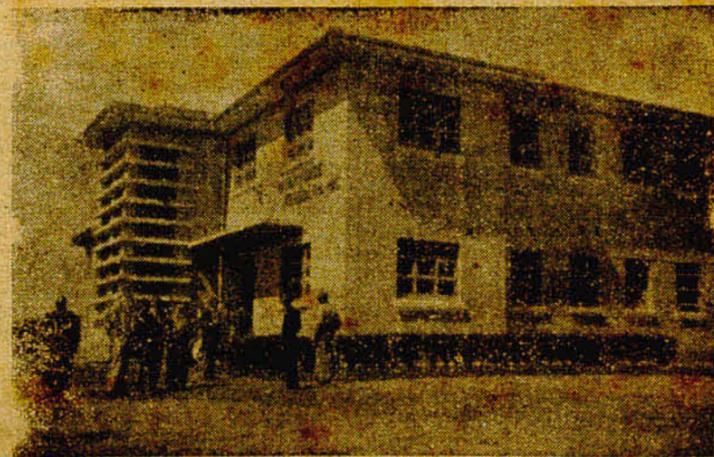
A vida ao ar livre aumenta a resistência do organismo às doenças infecciosas.

Mantenha seu organismo em condições de resistir às infecções, passando a maior parte do tempo ao ar livre, e conservando bem ventilados o local de trabalho e a habitação. — SNES.

### O QUADRO DO DOENTE

O quarto do doente deve ser convenientemente ventilado. O ar imobilizado tem, sobre os enfermos, ação ainda mais nociva do que sobre os sadios.

Providencie para que, no quarto em que permanece algum doente, o ar seja renovado de modo contínuo e cauteloso. — SNES.



Vista lateral da fachada da Maternidade Teresa Ramos, em Lajes

# POEMETO

(A memória do Capitão Antônio Correia Pinto).

Pioneiros do Sul... Homens ousados,  
Heróis de epopeias prodigiosas...  
Quantos dramas rubros, quantas aflições,  
Na solidão misteriosa dos altiplanos...

O gado, o "carro de bois", a "pousada", o "rancho",  
A moradia rústica e simples do Passado;  
A velha ermida de N. S. dos Prazeres;  
As toadas melancólicas dos "tropeiros"...

A tudo vencem com constância e trabalho,  
Ataques indígenas, dôres, perigos inarráveis,  
São esmagados sem piedade pelo malho  
Da coragem máscula desses homens indomáveis...  
E nos êrmos incultos da longínqua paragem,  
Surge, misteriosa e bela, a futura cidade,  
A prometer, risonha, um porvir de riquezas...  
O seu bérço histórico é embalado pelas agitações,  
Na política sombria das nossas revoluções...

Hoje, enriquecida pelo trabalho de sua gente,  
Famosa por suas "fazendas", celebre por sua beleza,  
Ergue-se, ativa, sobre o planalto catarinense,  
Qual princesa das serras, ciosa de sua grandeza.

E o casario perdido no planalto imenso,  
Com sua catedral enorme, levantada numa prece,  
Parece esperar, tranquilo, a coroa de neve,  
Que o inverno gelido não esquece de trazer-lhe!

ANTÔNIO ADOLFO LISBOA,  
da Embaixada Acadêmica Cel. Vidal Ramos.

# LEIA ISTO:

DECRETO-LEI N. 8.130 — DE 25 DE OUTUBRO DE 1945

Dispõe sobre o pagamento de taxas referentes ao segundo período do último ano dos cursos de ensino superior.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, decreta:

Art. 1º — O aluno regularmente matriculado em estabelecimento de ensino superior dependente do Ministério da Educação e Saúde poderá, ao ~~cessar~~ o último ano ou série, obter dispensa do pagamento das taxas relativas ao segundo período letivo, desde que o requeira e se obrigue a indenizar, posteriormente, a União.

Art. 2º — Este Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário. Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1945, 124º da Independência e 57º da República.

GETÚLIO VARGAS  
Gustavo Capanema

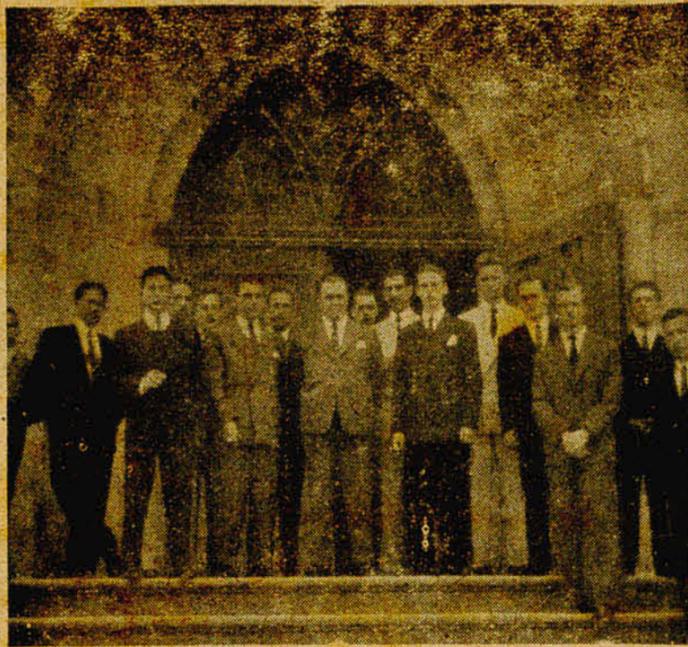
Diário Oficial da União do dia 27 de outubro de 1945.

## NA MATERNIDADE "TERESA RAMOS" Um teste para você

O dr. Vitor Gutierrez (ao centro da fotografia) nos mostrou que o estabelecimento que dirige não é uma simples maternidade: é um dos maiores e melhor aparelhados sistemas de assistência no gênero. Contando com um edifício moderníssimo, estruturado nos moldes mais recentes para construções daquela espécie, a Maternidade está magnificamente instalada. Dispõe de abundantes enfermarias, quartos, apartamentos, instalações subsidiárias perfeitíssimas e, sobretudo, uma eficiente e irrepreensível assistência médica. Quem como nós, percorreu as suas dependências confortáveis, não pode deixar de se impressionar com a sua magnitude. A sua capacidade de abrigo excede a necessidade atual da população, e previne, certamente, por largo tempo, o progressivo aumento demográfico. Não nos sobra dúvida de que Lajes está servida à altura do que merece. O Dr. Vitor, grande ginecologista, contando no seu acervo profissional com intensos cursos de aperfeiçoamento nos maiores hospitais e maternidades européias, tem, além disso, no trato dos seus clientes, a mesma afabilidade, a mesma paciência, o mesmo bom-humor que lhe grangearam na sociedade daqui como na de Lajes a popularidade e o grande número de amigos que o cercam. Da palestra rápida que mantivemos com alguns internados (desculpe a indiscrição, Dr. Vitor), sem que ele percebesse, pudemos logo avaliar do carinho que recebem os que ali penetram.

A bondade do diretor, o conforto que rodeia as parturientes, a solicitude dos médicos e enfermeiras, faz com que aquelas se sintam profundamente gratas ao deixar a Maternidade. A nossa kodak apanhou uma vista externa do edifício onde se pode ver a beleza da fachada.

- 1º) Euclides da Cunha morreu: a) de tifo; b) de febre amarela; c) assassinado.
- 2º) O MAR MORTO é assim chamado: a) pela ausência de vida em suas águas; b) pelo grande número de naufrágios; c) porque está sempre manso como um lago.
- 3º) Os rins são atacados quando se tem uma: a) rinite; b) nefrite; c) colite.
- 4º) SHANGRI-LA é uma cidade: a) da Índia; b) da Birmânia; c) de ficção.
- 5º) MAL SECRETO foi escrito por: a) Olavo Bilac; b) Raimundo Corrêa; c) Luiz Guimarães Junior.
- 6º) Quem tem mais força: uma máquina de HP 4, ou quatro robustos cavalos de tiro?
- 7º) A GUARDA MORRE MAS NÃO SE RENDE foi uma expressão de: a) dos guardas suíços de Luiz XVI; b) do General Cambronne; c) do comandante da Bastilha.
- 8º) ABSENTEISMO é: a) a doutrina da abstração dos bens terrenos; b) embriaguês habitual pelo absinto; c) êxodo das populações rurais.
- 9º) Moisés fez abrirem-se as águas do: a) mar de Azov; b) mar Vermelho; c) mar Branco.
- 10) CLORAL é: a) um tempero; b) mistura química; c) côro de igreja.
- 11) Quem produz mais trigo: Argentina, Brasil, Uruguai?
- 12) A galinha é originária do Brasil Oeste, Europa, ou Brasil Meridional?
- 13) A palavra CHARÃO significa um vaso de porcelana, um verniz, ou uma seta de bambú?
- 14) O que significa o nome GEMINI dado pelos romanos a uma constelação do sistema celeste?
- 15) Por que processo extraem as raízes das plantas os sais nutritivos do solo: a) trombose; b) osmose; c) narcose.



Não se podia deixar, é claro, entre tantas visitas feitas, de passar alguns minutos na quietude da matriz da cidade.

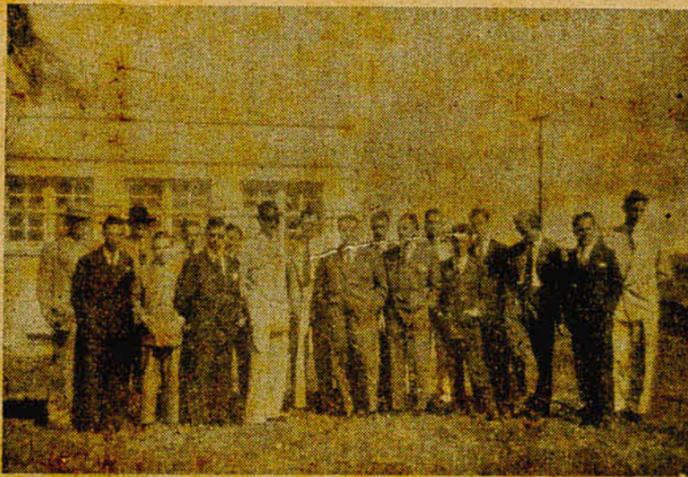
O prof. Bastos para ali nos comandou plea manhã.

Sob a nave principal, majestosa e solene, meditamos na religiosidade do povo lajeano que construiu aquele bellissimo templo de devoção. Lindos e multicores vitrais en-

feitam as paredes coando raios de sol sobre os genufletórios.

As imagens em seu nichos bem situados convidam ao recolhimento e à oração. A saída, desta vez o nosso "Jean Manzon" Roberto Lacerda não quiz bater a chapa e sim aparecer nela emoldurado no grupo, em frente à vasta porta da matriz.

No clichê: o professor Bastos ladeado por nós.



Grupo tomado por ocasião da visita da nossa caravana à "Caixa d'Água" da cidade de Lajes. — Dispondo de instalações perfeitíssimas, o serviço de abastecimento à população é completo. A qualidade da água é a melhor, sendo periodicamente examinada no laboratório próprio, e dosados os sais orgânicos necessários, além da purificação comum.

## DUAS PALAVRAS

Já lá vai mais um ano em nossa vida de estudantes.

Um ano a mais, desbordante de lembranças, rebentando pelas costuras — empanzinado dos nossos sacrifícios e suores — mas de conteúdo rebrilhante, aqui e acolá, com o ouro das nossas esperanças moças.

Neste país, através a nossa geração, carregamos o imenso orgulho de haver resistido à ressaca poderosa das ideologias daninhas, ao remoinho malsão e pernicioso das doutrinas falhadas que, na receptividade dos espíritos jovens, sempre geraram "a esclerose da consciência pela mentira".

O álacre estudante do passado, o moço rico das casas-grandes, o despreocupado e singelo declamador das seroadas a lampião de querosene; só vive na melancólica evocação dos romances da época.

Perdeu-se, ha muito, na bruma dum tempo de fartura e de ócios, de lirismo e pasmaiceira.

E, com êle, morreu a paixão pelas formas — êsse improdutivo amor pelas roupagens de europeus e recamos, a cair em belos franzidos "ao comprido

da Idéia".

Discernimos mais, hoje, escolhemos melhor.

Ha mais pertinácia no nosso julgamento e mais abstração de interesse no nosso veredito.

Vamos por diante: não de olhos perdidos na poeira das estrelas, mas vigilantes ao sofrimento e à dor na terra, sentindo, concientes, que nos cumpre participar da construção do futuro, pois nele teremos de viver.

X X

Foi um ano desses, de lutas e canseiras, que passou.

Virão outros, e na sua sucessividade hão de surgir e ressurtir obstáculos de toda espécie troncos de toda altura.

Veze sem conta, o hedonismo epicurista nos acenará, embaindo aos enfraquecidos.

A classe, todavia, não se deslocará da sua rota, mau grado a comodidade dos atalhos.

Ano por ano prosseguirá, retilínea e sincera, sabendo, ao desembocar na vida, localizar a sua posição pela latitude do raciocínio e a longitude do sentimento.

Até breve.



Fotografia tomada após o almoço oferecido à Caravana pelos advogados e pelo Fôro lajeano. Vê-se o professor Bastos, com o Juiz de Direito, dr. Mário Teixeira Carrilho, à sua direita, cercado por pessoas que compareceram ao ágape.

## O magno problema

Que a sociedade exija sejam aplicadas sanções áqueles que atentam contra o Direito; que exija o convívio dos concidadãos, nada mais justo e razoavel. Em todos os tempos tem sido esse o modo de pensar, referentemente ao criminoso, desde as sociedades primitivas até nossos dias. A maneira pela segregamento daqueles que interrompam o ritmo social com a prática de crimes; que condene, enfim, o delinquente, a privar-se do variado de povo a povo, de civilização a civilização, de vez que, por ser um fenômeno social, evolue e varia de acôrdo com a época e a sociedade a que pertence.

Os presídios modernos, cheios de luz e dotados de todos os requisitos de higiene, com boa comida, escolas, bibliotecas, campos de educação física, cinemas e um regime interno do qual está definitivamente abolido o castigo físico, são o resultado de séculos de evolução e escandalizariam qualquer jurista do século XVII, por mais humano que fosse.

Nuum ponto, porém, a evolução tem se mostrado tão lenta que é quasi nula (Há bem pouco, em nosso país, nem a expressão "quasi nula" poderíamos empregar): na questão sexual.

No entanto, áqueles que convivem com os presidiários sabem ser o mais sério problema intra-muros, o da questão sexual. É tão sério que, estou propenso a crer, prefeririam os detentos estivesse ele resolvido e continuassem os presídios como eram na Idade Média.

Por maior que seja o conforto do presídio e "frouxo" o regime, o sentenciado é sempre um revoltado, porisso que sustenta minuto a minuto, dia a dia, durante intermináveis anos, uma luta íntima, da qual seu pensamento não se desvia: a luta da carne exigindo-lhe que, de qualquer forma, seja satisfeito o desejo, contrao amor próprio, que se sente ferido por ter de recorrer a meios ignóbeis, a-fim-de apagar a fogueira que o tortura.

É doloroso saber-se que, homens fortes, na maioria jovens, bem alimentados, levando uma vida verdadeiramente regrada porisso que estão sujeitos ao regime penitenciário, ávidos de um contacto feminino a ponto de, não mais resistindo às exigências da "besta", quando, altas horas, na solidão do cubículo, o pensamento fixo na mulher querida os leva ao auge do erotismo, entregam-se ao "pecado de Onam", muito embora saibam ser esse o meio mais seguro de descerem cada vez mais na escala da degradação moral, como se fôra pouco a pena imposta pela Justiça da terra. Não é preciso ser muito observador para se vêr, no semblante da maioria dos detentos, estampados os efeitos das noites de insônia e da maneira como, nas calada da noite, prestam obediência à deusa do amor. Amanhã, quando voltarem ao seio da sociedade, nada mais serão do que jovens envelhecidos, envergonhados e feridos nouseu amor próprio, arrependidos mas revoltados.

E como se não bastassem, para instrumentos de tortura, os seus próprios pensamentos e as silhuetas femininas que, de longe, através das grades, divisam de quando em quando, eis que surgem visitas coletivas de alunas de cursos secundários, normais e superiores, o que constitue verdadeiro martírio para o pobre detento. Alegres e sorridentes, as nossas educadoras e mães de amanhã não podem calcular o mal que, inconscientemente, causam nessas visitas. Elas não têm culpa. Culpados são os que as promovem e os que as permitem.

Fazemos alarde do regime penitenciário-século XX e submetemos nossas populações carcerárias ao castigo de Tântalo.

Faz-nos lembrar aquele personagem de Dumas que, feito prisioneiro de inimigos, foi encarcerado e submetido a rigoroso jejum, por vários dias, para depois lhe ser apresentada lauta mesa, repleta de iguarias, não lhe sendo permitido prová-las. Elouqueceu, se não me falha a memória.

O assunto, porém, não foi de todo esquecido por áqueles que se dedicam aos estudos penitenciários e já caminha para a solução. — Foi o que constatámos na Penitenciária Central do Distrito Federal. Que os demais responsáveis pelos estabelecimentos congêneres tenham a coragem precisa de pôr em prática o ultra moderno regime penitenciário que se pratica naquele modelar presídio, são os votos que fazemos, para felicidade de milhares de brasileiros que, reeducados, ainda poderão ser uteis ao Brasil.

Ubaldo Brisighelli, 1º ano.

# O trabalhador brasileiro

## ORIGENS RACIAIS

O português, o índio e o negro. O imigrante europeu. A miscigenação. As migrações.

O Português: — O português que veio colonizar o Brasil refletia o encontro violento das raças que se chocaram em seu território. De início, convém salientar que a posição de Portugal, entre a Europa e a África, predisponha-o a ser o caminho onde se daria a amalgamação das raças africano-europeias. De acordo com a teoria das migrações de Mengini, dos "rígmeus" da Ásia derivaram-se diversas raças, uma das quais — a Nordica — dirigiu-se, em parte, para a Europa. Uma outra raça emigrou para o Norte da África, donde passou, pelo Estreito de Gibraltar, para o território europeu. É provável que o encontro dessas duas correntes já se tivesse iniciado em Portugal. O "jardim da Europa, à beira-mar plantado" estaria, assim, de há muito, fadado a ser o campo de batalha entre raças e culturas diversas. Poderíamos, mesmo, aplicar a Portugal a afirmativa de Gilberto Freyre: "a formação brasileira tem sido um processo de equilíbrio de antagonismos" (1); é o que se conclui do estudo dos choques havidos entre raças e culturas no território português, desde os tempos pre-históricos. Entre o celta e o berbere, entre o visigodo e o árabe, entre o cruzado e o mouro. "Aos turcos do norte seguem, sempre, os vendavais do sul".

Sob a influência do comércio judaico, desenvolve-se, no reino lusitano, a burguesia capitalista. Pelo seu triunfo sobre a nobreza escravocrata (2), inaugura, com o apoio dos reis portugueses, o ciclo das navegações, isto é, da expansão imperialista, resultante geométrica do espírito comercial semita. Este elemento, aliás, entrou com larga dose na formação racial do português. (3)

Saído do terrível "melting-pot" peninsular, que tentamos, perfunctivamente, descrever, o mestiço moreno, baixo, de barba ruiva — o "tipo do contemporizador", na expressão de Gilberto Freyre — que colonizou o Brasil, trouxe consigo, além das sifins, os males do trabalho escravo, e, não lhe neguemos, as qualidades que o levaram a fundar, na América, a "maior civilização moderna dos trópicos" (4). Releva notar que o português, no Brasil, foi o primeiro dos colonizadores que desilicou a base da colonização tropical da pura "extração" para a de criação local da riqueza.

O índio: — Da raça "velha-maia" da Ásia derivaram-se diversos ramos. Um deles constituiu os povos mongóis. Uma outra ramificação dirigiu-se para o sul, encontrando-se com os chamados "homens de Crô-Magnon", que os impeliram, através das ilhas do Pacífico, à América do Sul, onde fundaram a civilização incásica, e, passando à América Central, as civilizações maia e azteca. Esses povos terão sido, provavelmente, os primeiros a povoarem a América, admitindo-se, também, a possibilidade de migrações posteriores dos povos mongóis, através do Estreito de Bering.

A orientação das migrações que, em épocas pré-históricas, percorreram o território sul-americano, nos é ignorada. Parece, no entanto, provado que dois grandes grupos — os "guaranis" e os "tupis" — desceram, respectivamente, o Amazonas e o Prata, vindos dos Andes. Os tupis, depois, subiram pela costa, ao passo que os guaranis desceram, marginando também o oceano, sendo provável que as duas tribos se encontraram na região dos atuais Estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. A vitória da antiga classificação dos nossos indígenas em tupis e tapuias foi determinada pelas necessidades da Sociologia, apesar da divergência dos etnólogos.

O nomadismo do indígena foi o principal fator do seu fracasso no trabalho do "engenho". Daí a sua fuga para o sertão, e posterior adaptação à pecuária. Embora sem grande valor energético, o índio não era totalmente incapaz para o trabalho. Temos prova disso nas suas pequenas roças de mandioca, milho, etc., as quais geralmente, ficavam a cargo das mulheres, enquanto os homens, à semelhança dos antigos germanos, caçavam ou guerreavam. Aníbal Porto afirma que até a cultura do algodão era tão indispensável ao indígena que "ainda hoje, nos confins da Amazônia ou em outras regiões pouco exploradas, o meio mais eficaz de sermões e conhecidas e estudadas as velhas localizações de malocas e tribos indígenas é pela

presença de algodozeiros selvagens". (5) A prosperidade das "reduções" jesuíticas foi também fruto do trabalho dos indígenas catequizados. Apesar disso, o índio, como trabalhador, falhou. Daí a necessidade de sua substituição pelo negro, em estado de civilização mais adiantada, e adaptado ao trabalho agrícola nos trópicos.

O negro: — Foi, sem dúvida alguma, o pedestal do sistema escravocrata, introduzido pelo português. Sobre ele recaíram as mais arduas tarefas. Em troca, recebeu as regalias do patriarcalismo colonial. O açúcar, condicionando o desenvolvimento econômico do Brasil, bem mostra a importância do trabalho negro naquela época, depois do fracasso do índio, o qual, além de sua comprovação inaptidão, tinha o apoio do missionário anti-escravagista. Até a vinda do colono estrangeiro, pôde-se dizer que foi o negro o único braço que verdadeiramente trabalhou no Brasil. Na cozinha. No campo. Na cidade. No engenho. Na fazenda. Nas minas, para as quais, muitas vezes revelaram conhecimentos úteis, chegando mesmo a dirigir a sua exploração. Até na guerra, o negro e o mulato constituíram sempre a melhor parte do Exército — a mais importante e a mais sacrificada. Da própria guerra do Paraguai, diz Rocha Pombo que o nosso Exército, à exceção da oficialidade e da cavalaria gaúcha, era constituído de negros e mestiços. (6)

Até como elemento civilizador o negro tem importante papel. É sabido que grande parte dos negros trazidos para o Brasil já tinham sido influenciados pela civilização maometana. A revolução de 1835 na Bahia, narrada em cores tão negras na "História Secreta do Brasil", por Gustavo Barroso, parece ter sido a única tentativa de seergimento da doutrina, do profeta neste continente. Gilberto Freyre, analisando as causas desse movimento, diz: "nas senzalas da Bahia, de 1835, havia talvez maior número de gente sabendo ler e escrever do que no alto das casas grandes". (7)

Além de tudo isso, o negro serviu para suavizar o encontro do branco com o índio, fator esse de grande importância em nossa formação social.

O imigrante europeu do século XIX — Como preliminar à abolição da escravatura, que foi, aliás, um grande golpe na estabilidade econômica da nação, promoveu-se a entrada de imigrantes estrangeiros. Levas de colonos italianos, alemães, japoneses, russos, poloneses, etc., fixaram-se nos Estados do Sul. Apesar das grandes vantagens resultantes do povoamento do solo, a má distribuição das colônias, originada de uma deficiente política migratória, veio no presente trazer sérios problemas à administração do Brasil, mormente depois de haverem surgido, em países da Europa, as chamadas "minorias rarias", Silvio Romero (8) acusa acerbamente os políticos do Império de provocarem o fracasso do Brasil, por orientarem as correntes migratórias só para o Sul, do que resultariam, provavelmente, novos tipos humanos, completamente separados, ideológica e morfologicamente, dos Nortistas. É fora de qualquer dúvida, no entanto, que a imigração foi pessimamente dirigida. O elemento germânico, por exemplo, desenvolveu-se completamente à parte da nossa vida social, apresentando até alguma resistência à nacionalização. O elemento italiano, embora isolado, não ofereceu dificuldades, talvez pelo fato de sua colonização, ao contrário da alemã, não ter sido orientada devidamente. O italiano aqui chegou sem assistência, ao passo que o alemão teve a sua vida econômica mais ou menos garantida pelo mutualismo, que dominou a colonização tedesca. (9)

A miscigenação — Nas "senzalas", nas "casas grandes", nos "solrados" e nos "mocambos", procedeu-se à miscigenação das raças. Observa Gilberto Freyre que "a vantagem da miscigenação correspondeu, em Brasil, à desvantagem tremenda da sifilização". (10) É, como se vê, uma restrição severa à afirmativa de que "o português foi o mais humano dos colonizadores, porque foi o que mais cruzou" (11). Deixemos de lado a questão do "priapismo" da cunha, e da "superexcitação sexual" do colonizador português. A miscigenação decorreu, antes de tudo, da escassez de povoadores. O português só pôde atender aos seus compromissos imperialistas na América e na Ásia mediante uma grande mobilidade. Da sua fusão com a índia, nasceu o "mameluco" ou "curiboca", no qual a influência materna é mani-

festa. Foi o principal fator da epopeia das Bandeiras. Da união entre o português e o negro surgiu o "mulato", elemento de grande valor no trabalho. Nos quilombos, geralmente, houve a união entre o "negro fugido" e as índias roubadas das tabas, as "sabinas bronzeadas" da nossa História. Daí o "cafuz", que ainda pode ser encontrado facilmente no interior do País. Atualmente, misturam-se no "melting-pot" nacional os elementos italiano, alemão, japonês, etc., todos eles com maior ou menor índice de integração no complexo racial brasileiro.

As migrações — Entre as particularidades mais notáveis da nossa História, estão as migrações dos trabalhadores. Wanderley Pinho chegou mesmo a afirmar que a "história do Brasil poder-se-á escrever em torno das grandes migrações que se deslocaram em nosso território ou para o nosso território" (12).

não virá informar a predominância condicionada por alguma causa determinante. As causas que podem determinar as migrações de grupos sociais, são, respectivamente, de ordem econômica, social, biológica e cósmica. (13) No caso brasileiro, as migrações de trabalhadores originaram-se quase exclusivamente de causas econômicas. Poderíamos apontar causas sociais nas migrações dos negros "quilombolas", e causas biológicas no caso dos trabalhadores cearenses, mas isso não virá informar a predominância das causas econômicas nos deslocamentos dos trabalhadores brasileiros pelo território nacional. De um modo geral, as nossas migrações obedeceram aos chamados "focos de apêlo" (14), resultantes, em grande parte, do nomadismo cíclico da nossa economia, e, portanto, conseqüentes da monocultura. As "cidades mortas" enchem as páginas dos nossos romances regionais. Monteiro Lobato dedicou-lhes a sua célebre "Itaoca". E em "O ciclo do ouro negro", Viana Moog faz saltar a fisionomia triste dessas habitações abandonadas, e cria o "coronel de barranco", figura de fim, de decadência, a refletir a "débacle" da borracha amazônica.

Aplicando a "lei das paralelas" (15) às nossas migrações, podemos distinguir duas grandes correntes: a primeira, de Norte a Sul, acompanhando os meridianos, correspondente à decadência do açúcar e valorização do café; a segunda, orientada de leste para oeste, no sentido dos paralelos, pertencem os grupos que, a partir do século XVI, se dirigiram para as minas. Nesta última, estão incluídas grande parte das "bandeiras", e, também, os trabalhadores cearenses que se dirigem, periodicamente, à Amazonia. O slogan da "marcha para o Oeste", do Presidente Getúlio Vargas, dá, atualmente, cunho oficial a este último tipo de migração.

## PRINCIPAIS TIPOS REGIONAIS

As condições mesológicas, variadíssimas, imprimiram, no trabalhador brasileiro, a fisionomia de atipicidade, característica do nosso povo. Por outro lado, a ascendência diversíssima muito contribuiu para esse resultado; aqui e ali, entretanto, o tempo já esboçou caracteres anatómicos semelhantes, mais ou menos fixos, traçando assim a perspectiva da formação de tipos regionais definitivos, e pondo à mostra a heterogeneidade racial da nossa gente. Podemos distribuir os trabalhadores brasileiros, segundo os seus tipos regionais, da seguinte forma: (16)

Nos Estados Setentrionais: Além do "caucheiro", perito na preação de índios, e tão bem estudado por Euclides da Cunha em "A margem da História", encontramos dois tipos distintos: O mongô-malão, já de há muito fixado na Amazonia, vivendo quase exclusivamente da pesca, e o sertanejo, descendente direto do homem do Nordeste, e o incisor incansável dos seringaais do Norte. O primeiro, caracterizado pela ausência quase completa da "volição", passa a sua vida inteira na sua igara, para esse fim transformada em verdadeira habitação flutuante. O segundo, valente, destemido e audaz, emprega o seu braço ora nos serviços dos seringaais, ora na criação do gado, sempre ameaçada pelo perigo das enchentes. Grande parte da diferenciação existente entre eles pode ser atribuída à alimentação. De um lado, o mongô-malão, ichtiófago, não dispensa os mingaus e chibês, feitos à base de farinha de gado. E de outro lado, o sertanejo, carnívoro por excelência, é um apreciador incondicional do café e da rapadura.

Nos Estados do Norte: Na zona da praia, encontramos o "jangadeiro", na faina penosa das pescarias, em que muitas vezes escreve verdadeiras epopeias de bravura. O "caboclo", encontrado no interior do País, luta no Nordeste contra as secas adurentas — combates espantosamente trágicos, onde a resignação supera a valentia. Nas "maçegas" do "agreste", cenário barbaresco das depredações do "cangaço", o "jagunço", mera degenerescência do "vaqueiro", no qual é patente a influência do índio, atravessa ileso, graças a sua vestimenta de couro, os duríssimos cerrados, e as catingas, atrais do bói tresmalhado.

Nos Estados Orientais: Nas fazendas das margens do São Francisco, o "vaqueiro", descendente direto do "garimpeiro" do "ciclo do ouro", é o trabalhador perito nas lides pastoris, enquanto nos Estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, o "caboclo" ocupa o seu tempo nos trabalhos das grandes plantações.

Nos Estados do Sul: — O "colono" estrangeiro, ou o seu descendente, graças à policultura, já criou, relativamente, um alto padrão de vida. Quer o plantador de café do Estado de São Paulo, quer o madeireiro do Paraná e Santa Catarina, quer o vinhateiro do Rio Grande do Sul, não se limitam ao plantio, nas "hortas" e nas "roças" de uma só espécie vegetal. Um tipo bastante conhecido no Sul, especialmente em Santa Catarina, é o "caicara", eterna vítima da malária, o qual se sustenta da pesca. Este tipo ficou, digamos, preenchendo os claros entre as cidades litorâneas.

Nos Estados do Centro: — Como elemento particularmente interessante, e que, desde os mais remotos tempos, foi fator importantíssimo da unidade nacional, notamos o "tropeiro". Vaqueiros do Sul de Mato Grosso, e "garimpeiros" perdidos na imensidade das matas, batendo os rios, constituem os principais tipos de trabalhadores do Brasil Central.

No Rio Grande do Sul, o "gaúcho" vai cedendo lugar à crescente industrialização do Estado.

Deixando de lado o trabalhador rural, encontramos, nos centros industriais das cidades, as massas heterogêneas dos operários de fábricas, amparadas, mais diretamente, pelas nossas leis trabalhistas.

## A ALIMENTAÇÃO

A alimentação é a página negra da história do trabalhador nacional.

Parece provado que a raça, em grande parte, é um produto da alimentação. Para termos uma idéia do valor da alimentação, basta atentarmos na afirmação de Sorokin: "na Rússia, verificou-se que, em conseqüência da fome de 1921/22, houve diminuição de estatura". (17) Salvante os contingentes italianos, alemães, poloneses, etc., das primitivas raças que povoaram o Brasil só, talvez, o negro bantu ou sudanês escape à classificação de sub-nutrido. Os males da alimentação portuguesa agravaram-se, no contato com o índio; a vitória, do "complexo indígena da mandioca sobre o trigo" (18) talvez tenha influído mais na inferiorização do nosso povo do que pensamos. É reconhecida, atualmente, por todos os sociólogos, a grande importância da alimentação à base do trigo, no desenvolvimento das civilizações. Huntington, por exemplo, vê na pujança militar do romano o resultado de uma alimentação à base do trigo. (19)

Em grande parte, a deficiência da alimentação vai à conta da ignorância do trabalhador. O nosso "caruru", abandonado e nativo em nossas plagas, cujo valor nutritivo é superior ao do espinafre (20), poderia transformar milhões de trabalhadores brasileiros em milhões de Popeies, mais valentes que o original americano...

Observa Alexandre Moscoso: "É este o quadro desolador e deprimente que nos apresenta — contraste angustiante e berrante entre a uberdade do solo e o depauperamento do povo, levando paulatina e sorrateiramente a nação à miséria. (21) Quando não temos a "fome crônica" das baixas camadas sociais, temos a "fome qualificativa" da assim chamada "alta sociedade". Em conseqüência, "vivemos a culpar o clima e a protestarmos contra a miséria orgânica provocada pelas verminoses, pela tuberculose e pela anemia. O povo não sabe, em geral, porque come. Come para viver, mas não se nutre. Come o que quer ou o que pode, mas não seleciona os alimentos. (22)

## A HABITAÇÃO

Outro capítulo triste da vida do nosso trabalhador. Da promiscuidade da senzala, passou o negro, com a abolição, à habitação isolada. Na confecção de sua morada, aproveitou o que a natureza lhe oferecia — as palmeiras, o coqueiro da praia, etc. Surge o "mocambo", que "reflete um fenômeno de aculturação, em que se superpuseram duas técnicas diversas: a do barro, — através da contribuição negra, e a da palha — através do índio". (23) Monteiro Lobato descreve literariamente a moradia rústica do tipo doentio do "Jeca Tatú". A pobreza da morada, une-se à indolência do caboclo, que se recusa a qualquer melhoramento que exija esforço. "Si o telhado fura, põe uma bacia aparar a água. Consertar o telhado? Para que? Pois a morada dura apenas 10 anos, e faltam "somente" 8 para construir outra?" (24) Com a imigração europeia do século passado, introduziu-se a morada de madeira, ou de taipa com cobertura de madeira, com que o colono pôde resistir melhor aos rigores do frio. (25) Podemos distinguir entre a habitação do trabalhador rural e a do trabalhador urbano, ambas refletindo o baixo "nível de vida" do brasileiro. No caso do trabalhador rural, temos:

- 1) Palafitas à margem dos grandes rios, lagos e pântanos;
- 2) Chocas de palha ou de sapé;
- 3) Casa de taipa, coberta de palha;
- 4) Casa de taipa, coberta de telha;
- 5) Casa de madeira, coberta de palha;
- 6) Casa de madeira, coberta de madeira;
- 7) Casa de pau a pique, coberta de zinco, palha ou madeira. (26)

Quanto ao trabalhador urbano, temos os "cortiços", as "favelas", (27) os "mocambos", os "queroseiros", habitações essas que muitas vezes são uma reprodução fiel das "senzalas" coloniais, erguidas ao lado de gigantescos arranha-céus, num contraste berrante.

## ASSISTENCIA GOVERNAMENTAL

Ao estudarmos a História do Brasil, verificamos quanto tarde temos a conhecer os benefícios das leis sociais. A situação do trabalhador brasileiro até 1930 foi de veras crítica, entregue, como estava, inteiramente, à mercê dos seus patrões, que, com honrosas exceções, lhe impunham condições arbitrárias e até absurdas. Os heróis anônimos que nos deram a epopeia das Bandeiras, o ciclo do ouro, do café, da cana de açúcar, jamais tiveram proteção de leis trabalhistas. Ainda em 1898 anotava Silvio Romero, na sua monumental "História da Literatura Brasileira": "... a despeito da nossa riqueza aparente, somos uma nação pobre em sua generalidade, onde a distribuição do dinheiro é viciosa, onde a posse das terras é anacrônica. Aquêle, anda nas mãos dos negociantes estrangeiros; estas, sob o tacão de alguns senhores feudais. A grande massa da população espóliada por dois lados, arredada do comércio e da lavoura, neste país essencialmente agrícola, como se costuma dizer, moureja por aí, abatida e faminta, não tendo outra indústria em que trabalhar, pois que até os palitos e os paus de vassoura mandam-se vir do estrangeiro. Não é este o lugar mais próprio para descobrir os andrajos da nação e mostrar os corpos enfraquecidos, que, sem trabalho nem pão, são a grande fonte onde o fazendeiro vai buscar os servos, que chama "agregados", e o Governo os seus "capangas", os seus "votantes", e os seus "soldados". (28) Foi essa a situação, descrita talvez com algum exagerado pessimismo pelo maior sociólogo sul-americano, que veio encontrar a Revolução de Trinta, cuja vitória não achou obstáculos ante as organizações combatidas que se lhe apresentaram.

Fiel ao programa expresso na Plataforma da Aliança Liberal, o Presidente Getúlio Vargas deu início à grande obra de legislação social que todos conhecemos. Não é necessário, portanto, apontar os dispositivos legais que garantem ao trabalhador brasileiro o direito a férias, a descanso semanal, a indenização por dispensa injusta, a estabilidade no emprego, a indenização por acidentes, a "abono familiar", a "salário adicional", a "salário compensação", ao seguro social, a aposentadoria por invalidez, a aviso-prévio, e tantos outros institutos criados ou reformados pelo Governo do Presidente Getúlio Vargas, de 1930 até o dia de hoje.

E para continuar a obra magní-

(Continua em outro local)

# A RAINHA DÓS ESTUDANTES DE 1945



MARIA LUIZA CAMPOS, eleita por grande maioria de votos, apresentou em verdade o desejo dos nossos estudantes de homenagear, na pessoa duma colega, a beleza, a graça, a simpatia, a afabilidade e a inteligência. Concorrendo com outras jovens, portadoras também de todas essas qualidades, Maria Luiza venceu pela grande popularidade que lhe grangeram a sua perso-

nalidade, e pelo esforço que sempre dispendeu na defesa e propugnação dos interesses da classe. Coroada recentemente na festa que para esse fim se realizou no Lira Tennis Clube, Maria Luiza saberá, estamos certos, representar condignamente a classe a que pertence. A nova rainha os nossos votos de felicidade.

# VIDAL RAMOS JÚNIOR

Simple, modesto, ativo e firme na administração, amigo da sua gente e da sua terra, tais foram os característicos primaciais do prefeito que a caravana acadêmica encontrou na cidade de Lajes.



Alguns de nós, que ha cinco anos conhecemos uma Lajes barrenta, uma Lajes em botão, onde se cruzava sobre traves de madeira as ruas lamacentas, intransitáveis, não poderíamos reconhecer a novidade, quasi que inteiramente caçada no centro, ostentando novos prédios, novo movimento, e revelando em tudo uma progressividade ascendente. A tão focada princesa da serra evoluiu, e muito. E a grande família lajeana soube se solidarizar sempre com o seu edil e compreendendo, propiciando-lhe, assim amparo e continuidade na sua tarefa.

Vidal Ramos Júnior é um bom cidadão e um bom servidor da sua gleba. Tempestades políticas — clima que esta desprentenciosa Folha não atravessa em sua rota — alijaram-no do seu cargo, talvez temporariamente.

Todavia, sabemos nós da amizade e do reconhecimento que os seus conterrâneos lhe devotam, e da serenidade que lhe norteia as ações.

Disso nos certificamos em nossa visita. Disso, e da grande reserva de bondade, cavalheirismo, e inteligência que lhe ornã a personalidade.

Não nos foi ele apenas o prefeito protocolarmente cordial duma cidade visitada.

Ao revés, nele achamos um amigo certo, de espirito brilhante e moço que se integrou a perfeição no ambiente acadêmico, conquistando facilmente a nossa amizade.

Vidal Ramos Júnior é um homem público de que se pode orgulhar a sua terra natal.

E não ha negar que ela se orgulha disto.



No Ginásio de Lajes, a nossa caravana foi acolhida com fidalga sinceridade. Após a visita às instalações os caravanistas disputaram uma brilhante partida de voleibol. No clichê, um grupo feito durante visita.

# A turma de bachareis de 1945

(Conclusão)

ressaem espontaneas do meu coração, senão confessar lisamente que, nido pela escassez do tempo, não pude dispor do repouso e do espirito necessario, para lavrar uma seara, onde os frutos são abundantes, mas nem sempre habil e a mão de quem os quer colher.

E, assim, a seara do Direito, o qual, por não ser produto de vontades arbitrárias, sem causalidade e sem consequencia, mas transmudando-se pelas solicitações sociais, exige continuada e solícita atenção de quem o estuda, para que se norteie este, menos pelas preferencias da razão, pessoal, por mais cativantes, do que pelas correntes, muitas vezes inevitáveis, que lortação das ideias ou das necessidades politicas dos povos, em torno de um ponto de atração.

E este ponto de atração nem sempre é um quadro fixo que aguarde a disposição do observador, mas uma successão de quadros e de aspectos, que exigem uma curiosidade sempre interessada e renovada no acompanhar-lhe as mutações.

E por isto que quero resumir este breve discurso em referir-me apenas ao lema que escolhestes para o vosso quadro de formatura: "sub lege, libertas".

A liberdade tem sido, sem dúvida, a mais ansiosa e, ao mesmo tempo, a mais dolorosa e cruel conquista da humanidade. Tanto mais dolorosa e tanto mais cruel, por ter sido portada pelos homens contra os próprios homens.

Foi o cristianismo, certamente, a doutrina que deu ao mundo a primeira concepção de liberdade, pregando que todos os homens eram iguais em espirito e que a obra de Deus os arrojara à imagem do Criador, sem distincção do pobre e do rico, do humilde e do poderoso, do senhor e do escravo.

O pensamento metafísico cristão triunfou afinal sob Constantino, no mundo romano. Mas não logrou ultrapassar do campo espiritual.

Os povos clássicos — gregos e romanos — não tinham a noção atual da liberdade individual.

Todos os direitos pessoais entre os romanos se resumiam em privilégios, e estes, como diz Hobhouse, se baseavam, não na personalidade humana, mas na cidadania.

E, como diz Gettel, embora os Gregos tivessem realizado algum progresso no ideal da liberdade individual, permitindo a expressão do pensamento e da critica e mantendo a vida intelectual emancipada do dogma, das superstições e do poder — não chegaram a considerar o individuo como uma pessoa moral, cujo bem-estar constituísse um fim em si mesmo.

A Idade Média foi um largo campo de conquistas de privilégios e de direitos em beneficio de corporações e de grupos sociais. E a doutrina tomista, que contribuiu para a larga concepção do Sacro Império de Carlos Magno e a consolidação do Estado moderno, sob Luiz XI, riscou definitivamente a ordem fundamental, no campo espiritual e no secular, dando, desta sorte, a medida de aferição da consistência e do avanço das liberdades e dos direitos dos grupos e das classes.

A concepção filosófica do século XVIII, triunfante com a Revolução Francesa, espalhou por todos os povos a condição dos direitos inalienáveis e imprescriptíveis do homem, decorrentes da dignidade da própria pessoa humana, acima do próprio Estado e a ele anterior.

O liberalismo político da primeira metade do século XVIII teve como corolário inevitável o liberalismo econômico da escola de Manchester. Tiveram o mérito de criar a Democracia moderna, mas foram o caldo de cultura onde cresceu a ameaça do capitalismo internacional, que lançou a chispa das primeiras rebeliões das massas.

O aviso profético de Leão XVIII, em fins do século XIX, contra o indiferentismo do Estado, perante a corrida desenfreada dos interesses individuais, somente muito tarde foi escutado.

Mas o termino da guerra européia de 1914 lhe revelou a verdade incontestável.

Assim, atingidas pela contingência dos problemas sociais e econômicos, gerados após o conflito, procuraram os povos europeus, nas suas constituições, traduzi-las em formulas democráticas, mas desambaraçadas do contratualismo político das constituições do século XIX, abeberadas às fontes do liberalismo da Revolução Francesa.

Houve, desta forma, a preocupação de socializar os direitos e garantias individuais, não se limitando a estes a uma simples relação recíproca de interesses pessoais em face do Estado, mas exprimindo uma coordenação coletiva, em que

o individuo "político" não se distingue mais do individuo "social".

Conforme Mirkin, "o Estado não podia mais limitar-se a reconhecer a independencia juridica do individuo, aevia criar um minimo de condições necessarias para lhe assegurar a independencia social. Daí dois processos simultaneos: de um lado, entre os direitos individuais fundamentais figura, pouco a pouco, a defesa da pessoa social; do outro, em nome de um principio coletivo — a solidariedade ou a ordem pública — se processa, em beneficio de todo coletivo, uma limitação prestabelecida de certos direitos fundamentais parciamente o da propriedade, que evolue sob nossos olhos".

As constituições elaboradas após o Tratado de Versalhes realizaram, certamente, dentro de tecnica juridica quase impecavel, um equilibrio teorico apreciavel, entre o interesse superior coletivo e os direitos fundamentais dos cidadãos. Mas defeituosa e limitada ao manuseio era-lhes a tecnica politica, que riscou um vasto programa de soluções economicas e sociais, debilitou o poder executivo, a quem outorgara a tarefa e a responsabilidade de realizalo.

Não é de admirar, pois, que os regimes totalitarios acabassem compensando as fraquezas comportadas das democracias ancoradas naquelas constituições.

A tendencia politica atual é o Estado disciplinar, cada vez mais, as atividades individuais, em proveito das instituições sociais.

Este postulado gerou, entretanto a confusão de que aquela disciplina só é possível nas organizações totalitarias.

Atulso dos que isto sustentam provem de pensarem que a intervenção do Estado se opera em virtude apenas de um ato de imperio, o que se nao dá realmente.

A intervenção do Estado é a resultante da necessidade do equilibrio dos seus próprios orgãos. Fazendo-a, apode a um apelo determinado pelas condições existenciais do momento social.

Quem interveja não é o Governo, como pessoa distinta do Estado. É este, por si mesmo, e dentro de si.

Esta intervenção decorre da própria vontade dos cidadãos politicamente representados, e se efetua por uma solicitação social.

Independe dos regimes politicos e das normas de Governo. Tanto pode operar-se num regime democrático, como num regime ditatorial.

Mas a intervenção do Estado só é licita, quando prescrita por uma necessidade social.

A restrição dos direitos individuais não assume, assim, um caráter politico, mas apenas um caráter social.

Esta é a pedra de toque que distingue a intervenção nos regimes democraticos, da intervenção tringem-se, ou se suprimem total-nos regimes de força. Nos regimes democraticos a intervenção se opera, para que uma parte dos direitos individuais colhidas pelo Estado, seja redistribuída em beneficio da coletividade.

O individuo torna-se, assim, uma espécie de acionista, que concorre com uma quota-parte de direito, mas recebe, também, em seu beneficio a redistribuição das quotas partes de todos os outros.

O Poder Público é o fiel intermediário, o fiscalizador e o disciplinador desse intercambio.

Assim, poderíamos exprimir o principio de que, tanto mais perfeito sera o equilibrio politico e juridico do Estado, quanto mais equitativa a redistribuição, em beneficio da coletividade, dos direitos individuais, socialmente limitados.

Sts. bacharelandos:

O exame do desenvolvimento da liberdade através da história politica dos povos, revela-nos que ela esta sempre condicionada ao equilibrio maior ou menor entre "os direitos fundamentais" do homem e uma "ordem fundamental", vigiada e guardada pelo Estado.

Desaparecessem as garantias efetivas e socialmente distribuidas, daqueles direitos, e ela seria apenas uma promessa inconsistente. Mas, também, se a "ordem fundamental" se debilitar e aqueles direitos ficarem simplesmente ao sabor das competições pessoais não menos illusória será a liberdade, porque a desfrutarão tão só os fortes e osse poderosos.

Por sua vez, entretanto, a "ordem fundamental do Estado e os "direitos fundamentais" do homem, não poderiam disciplinar-se, nem jamais se harmonizariam, se não existisse a norma juridica. E esta não representaria proteção eficaz se se não cristalizasse na lei.

Em última análise, portanto,

# O trabalhador brasileiro

(Conclusão)

fica do Presidente Vargas, está indicado o General Eurico Gaspar Dutra, outro grande brasileiro, que tem a prestígio-lo, neste Estado, a cultura impar do Interventor Nereu Ramos — lajeano, como vós, e, como vós, patriota sincero — cuja administração, mormente no setor educacional, onde continuou a trilha aberta pelo seu venerando pai, a quem esta embaixada rende expressiva homenagem, tem sido inteiramente dedicada ao progresso da terra barriga-verde.

Dirigida pelo seu grande guia, a coletividade catarinense segue, confiante, o caminho do porvir, certa de que a grande obra de levantamento moral e material do trabalhador brasileiro não sofrerá solução de continuidade, porque representa a segurança dos direitos que lhe assistem, como principal fator de engrandecimento de nossa Pátria, sob o lema sagrado da ORDEM E PROGRESSO.

Antônio Adolfo Lisboa, da embaixada Acadêmica Cel. Vidal Ramos.

## OBRAS CONSULTADAS

- 1 — Gilberto Freire. — "Casa Grande & Senzala".
- 2 — A nobreza escravocrata vivia apoiada sobre o braço do mouro escravizado na "guerra santa". — "Ja os avós dos portugueses que vieram para o Brasil haviam transformado o verbo "trabalhar" em "mourear". — G. Freire. — obra citada.
- 3 — A respeito: "História Secreta do Brasil" — Gustavo Barroso.
- 4 — Gilberto Freire. — Ob. cit.
- 5 — A respeito do trabalho escravo, diz, no entanto, o autor em tela: "No caso brasileiro, porém, parece-nos injusto acusar o português de ter manchado com instituição que hoje tanto nos repugna, sua obra formidável de colonização tropical. O meio e as circunstancias exigiram o escravo".
- 6 — Rocha Pombo. — "História do Brasil Ilustrada".
- 7 — Gilberto Freire. — Ob. cit.
- 8 — Sílvio Romero. — "História da Literatura Brasileira".
- 9 — Sobre o assunto: — Domênico Bartolotti — "II Brasile Meridionale"; Louvival Câmara — "Estrangeiros em Santa Catarina".
- 10 — Gilberto Freire. — Ob. cit.
- 11 — Manoel Bonfim. — Apud Almachio Diniz. — "História racial do Brasil".
- 12 — Wanderley Pinho. Apud Oscar Tenório. — "Imigração".
- 13 — Ovídio da Cunha. — "Geografia das migrações".
- 14 — Brunnes-Vallaux. — "Geographie de l'Histoire".
- 15 — Ovídio da Cunha. — Ob. cit.
- 16 — Baseada, esta parte, na "Geografia Humana do Brasil", de Pierre Defontaine. Nesta obra há interessantes observações sobre o combate econômico entre o italiano e o sírio, em São Paulo.
- 17 — Pitirim Sorokin. — Apud Gilberto Freire. — Ob. cit.
- 18 — Gilberto Freire. — Ob. cit.
- 19 — Nota extraída do "Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio", n. 43.
- 20 — "A Alimentação nacional". — Edição do SAPS do M. T. I. C.
- 21 — Alexandre Moscoso. — "O problema alimentar".
- 22 — Idem, ibidem.
- 23 — "Boletim do M. T. I. C. n. 43".
- 24 — Monteiro Lobato. — "Urupês".
- 25 — "O trabalhador rural brasileiro" — Edição do M. T. I. C.
- 26 — Idem, idem.
- 27 — A respeito: Roberto Simonen. — "Habitação econômica".
- 28 — Sílvio Romero. — "História da Literatura Brasileira".

forçoso é concluir que a liberdade só pode realmente existir sob o império da lei.

Sub lege, libertas é, por conseguinte, um lema que perpetua uma verdade, e tanto mais bela porque, na brevidade das suas três palavras, há o inteiro resumo de reivindicações seculares e a eterna esperança de que um dia afinal a humanidade se rende à convicção de que, na prática daquele postulado, está também o simples segredo da sua felicidade.

Serenados os aplausos que coroaram as últimas palavras do professor Ivo d'Aquino, o sr. diretor da Faculdade agradeceu a presença dos assistentes e encerra a sessão.

Os nove bachareis receberam, então, os cumprimentos e abraços de suas exmas. famílias, de amigos e admiradores. A essas felicitações "A Gazeta", muito cordialmente, apresenta as suas.